

Economistas prevêem 96 tranquilo

■ Inflação ficará sob controle; e câmbio, estável

CLAUDIA DE SOUZA

SÃO PAULO — Não fosse o caso Sivam e o desconforto dos executivos de bancos candidatos a fusões e aquisições seria um fim de ano sem novidades. Os prognósticos de economistas e consultores para 96 são unânimes: inflação baixa, câmbio estável e vendas moderadas.

“A inflação ficará entre crescente e estável, as taxas de juros apenas um pouco menores do que as atuais e as empresas curtindo um Natal mais modesto do que o de 1994, com a queda natural de vendas de todo primeiro trimestre. O câmbio deve continuar se movendo lentamente, menos do que um centavo por mês. O primeiro trimestre não deve apresentar grandes novidades”, diz o economista João Sayad, ministro do Planejamento do governo Sarney, hoje no Banco SRL.

“A lentidão do processo de recuperação da economia brasileira tem garantido absoluta tranquilidade no que tange à inflação, que não deverá desviar-se do intervalo de 1% a 1,5% ao mês”, afirma o economista-chefe do Citibank, Amaury G. Bier, no relatório que circulou esta semana para os clientes do banco. O analista prevê também um cenário tranquilo para a balança comercial ao longo de 1996.

Para as economistas Maria Cristina Mendonça de Barros e Teresa Fernandez Dias da Silva, da Mendonça de Barros Associados, uma das maiores consultoras do país, a inflação de janeiro será mais alta, pois estará registrando todos os aumentos das tarifas públicas feitos pelo governo neste final de ano. Mas, para o ano como um todo, seu prognóstico é otimista.

Benefícios — A indústria certamente não poderá repetir o

Economia em 1996

1995	1996
Inflação (Fipe ao ano)	
22,5%	17 a 20%
Juro nominal (ao ano)	
52,8%	32% a 38%
Câmbio (Variação ao ano)	
15,5%	12% a 15%

Prognóstico: Mendonça de Barros Associados

crescimento de 10,5% do primeiro trimestre de 1995. Mas, no cenário da Mendonça de Barros, os três primeiros meses do ano que vem não serão negros. Ao contrário: serão de vendas estáveis e talvez até algum crescimento, pelo menos para as empresas de bens básicos, que são consumidos pela população de renda mais baixa, já que esses brasileiros deverão continuar se beneficiando da inflação baixa. Esse crescimento das vendas permitirá às empresas baixarem os estoques que não saíram no Natal.

Mesmo com a recessão de boa parte da economia a partir de agosto passado, foram setores que continuaram com boas vendas no segundo semestre deste ano. Foi o caso dos alimentos e dos produtos de perfumaria e, também, daqueles itens de valor unitário mais baixo de modo geral: as pilhas médias, por exemplo, que são

usadas nos produtos elétricos e eletrônicos mais populares e tiveram vendas bem maiores do que as pilhas pequenas.

“Na média, tanto a indústria como o comércio vêm trabalhando com estoques mais baixos. Se a renda se mantém — e nossa previsão é de que ela vai se manter — as empresas terão que responder produzindo mais. A produção industrial em outubro já mostra uma recuperação”, diz Teresa Fernandez Dias da Silva.

Nesse prognóstico, não será apenas a inflação baixa que manterá a renda da população no patamar mais favorável estabelecido pelo Plano Real. As terceirizações que as empresas vêm fazendo, recontratando seus funcionários como prestadores de serviços sem encargos trabalhistas, vêm resultando em salários maiores.

Contratos — A flexibilização dos contratos trabalhistas plane-

jada pelo governo para o ano que vem — dada como certa pela consultora — deverá ter o mesmo efeito. Além disso, argumenta Maria Cristina Mendonça de Barros, a economia informal continuará absorvendo boa parte dos desempregados. “O desemprego é uma questão social importante mas ainda não se transformou num problema para a economia”, diz.

Ela lembra que até mesmo a agricultura — para a qual previram-se tantos desastres ao longo do ano — está tomando um rumo favorável para a economia. A quebra da safra acabou sendo mais baixa do que se esperava, não ultrapassando os 10%. “O setor de fertilizantes já voltou a vender acima de sua média histórica”, afirma.

Uma grande ajuda para manter a inflação baixa virá da carne, um item essencial nos índices de custo de vida e no bolso da maioria dos brasileiros. Segundo a previsão da MB Associados, a produção de frangos, o grande trunfo do Plano Real, deverá crescer 8% no ano que vem, com queda de até 10% no preço, com os ganhos de eficiência que as grandes empresas do setor vêm obtendo. A produção de carne suína deverá crescer algo em torno dos 12% com queda real nos seus preços entre 10% e 15%. Mesmo a carne bovina terá aumento de produção de 3% a 5% e queda de 10% no seu preço. “Se o preço subir mais que R\$ 24 por arroba, o governo poderá facilmente trazer carne da Argentina e colocá-la no mercado em três dias; lá tem muita oferta, com a recessão que o país está vivendo”, lembra a economista.

Com relação aos juros, as perspectivas são de juros ainda altos para as empresas. “Em 96, ainda será necessário atrair, com taxas altas de juros, o capital estrangeiro. E a estabilização ainda requer uma política monetária austera”, resume a economista Maria Teresa Fernandez Dias da Silva.



Maria Cristina prevê inflação um pouco mais alta em janeiro